

## **A Realidade por Trás dos Aquários e Zoológicos: Educação, Ciência e Conservação em Ação (um contraponto ao artigo publicado pela Sea Shepherd Brasil).**

Nas últimas décadas, instituições como aquários e zoológicos vêm sendo alvo de críticas generalizantes por parte de grupos ideológicos que, apesar das boas intenções, desconsideram fatos, dados e o papel fundamental que essas instituições exercem na conservação da biodiversidade, na geração de conhecimento científico, na educação ambiental de massas e na reabilitação de animais silvestres.

O artigo publicado pela Sea Shepherd Brasil intitulado “A crueldade como negócio: a verdade por trás de aquários e zoológicos” é um exemplo claro de um discurso simplista, passional e descolado da realidade científica e prática. Embora o combate à exploração animal deva ser prioridade em qualquer sociedade ética, confundir isso com o trabalho sério de instituições comprometidas com a conservação é, no mínimo, irresponsável.

O documento não aborda de forma honesta toda a complexidade da operação de zoológicos e Aquários no Brasil.

O primeiro ponto a ser questionado, que está no cerne da questão levantada por eles, é que zoológicos e aquários são apenas modelos de negócios baseados na exploração dos animais.

A realidade dos zoos e aquários brasileiros é bem distinta de outros países. A maior parte das instituições zoológicas no Brasil são geridas pelo poder público e muitas delas nem sequer cobram a entrada dos visitantes. Estimamos que haja cerca de 110 zoológicos e aquários no Brasil, para se ter uma ideia desta proporção, dentre os associados da AZAB apenas cerca de 50% são privados e acreditamos que esta proporção no Brasil como um todo possa ser ainda maior.



Zoológico Municipal de Guarulhos.

Além disso, e não menos importante, o fato de um zoológico ou aquário ser privado não significa que sejam instituições sem um propósito que vai muito além de gerar lucro.

Este pensamento de que uma instituição privada visa apenas o lucro seria válido também para hospitais, escolas e universidades particulares? Ou até mesmo para as empresas que apoiam o Sea Shepherd Brasil? Enfim, toda empresa estaria focada apenas no lucro? Claro que não, cada empresa tem uma filosofia, missão, princípios e um modo de atuar no seu segmento que é muito próprio. Desse modo não podemos julgar todas as empresas como irresponsáveis, assim como também não podemos julgar todos os Zoológicos e Aquários privados como empresas que não prezam pelo bem-estar dos animais sob seus cuidados e não atuam para a Conservação Ambiental.

A respeito do **investimento em Conservação** o artigo cita números da WAZA que além de defasados e subestimados, pois são dados de 2008 e como mencionado no referido documento incluem apenas gastos relatados por cerca de metade de seus associados, estão muito aquém do que realmente é gasto por zoológicos e aquários.

O gasto real não é facilmente verificável e as estimativas, além de deixarem de fora uma infinidade de instituições, não consideram diversos custos como investimento em infra-estrutura, alimentação, recursos humanos e diversos outros gastos diretos e indiretos para manter diversos animais resgatados e encaminhados aos cuidados de zoos e aquários ; ou para desenvolvimento de pesquisas relevantes para a conservação e até mesmo para educação ambiental de milhões de pessoas que visitam zoológicos e aquários todos os anos. O que dizer ainda das extensas áreas verdes urbanas que jardins zoológicos e zoobotânicos ajudam a preservar?



Imagen aérea do Zoológico de Ribeirão Preto.



Imagen aérea do Zoológico de São Paulo.

No Brasil, o recebimento de animais vítimas de impactos antrópicos, atropelados, queimados, apreendidos do tráfico e desabrigados por perda de seu habitat é uma realidade para maioria dos aquários e zoológicos.

Veja matérias por exemplo:

<https://g1.globo.com/sp/sorocaba-jundiai/noticia/2025/05/19/femeas-macaco-barrigudo-que-vieram-de-manaus-passarao-por-quarentena-e-farao-acompanhamento-veterinario-no-zoo-de-sorocaba.ghtml>

<https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/tamandua-e-resgatado-com-patas-queimadas-em-area-de-incendio-em-brasilia/>

<https://agenciabrasil.ebc.com.br/radioagencia-nacional/meio-ambiente/audio/2020-10/mais-de-100-animais-marinhos-traficados-sao-levados-aquario-publico>

Zoológicos e Aquários, públicos e privados, apoiam o poder público e buscam proporcionar um lar para diversos animais, em algumas situações inclusive longe da visitação pública.

Além do recebimento de animais, zoológicos e aquários brasileiros também realizam ou apoiam trabalhos de reabilitação de animais que são recuperados e retornam para a natureza.

O Instituto Argonauta, por exemplo, ONG criada e apoiada pelo Aquário de Ubatuba, atendeu mais de 11 mil ocorrências de animais costeiros entre 2015 e 2022 no litoral norte de São Paulo.



Albatroz reabilitado pelo Instituto Argonauta. <https://institutoargonauta.org/>

A Instituição, juntamente com o Aquário de Ubatuba e o Projeto Tamar, foram responsáveis por um dos salvamentos de baleia jubarte mais importantes do Brasil. O animal foi avistado 8 anos depois e o evento acabou virando um artigo na renomada revista *Aquatic Mammals* em 2020.

([https://www.researchgate.net/publication/344251472\\_Humpback\\_Whale\\_Megaptera\\_novae\\_angliae\\_Resighted\\_Eight\\_Years\\_After\\_Stranding](https://www.researchgate.net/publication/344251472_Humpback_Whale_Megaptera_novae_angliae_Resighted_Eight_Years_After_Stranding))

Zoológicos e Aquários atuam diretamente na conservação de espécies ameaçadas de extinção.

Animais como o mico-leão-dourado, o condor-da-Califórnia, o órix-da-Arábia, o lobo-guará e o tigre-siberiano estão vivos hoje graças à atuação direta de zoológicos, que mantiveram populações viáveis sob seus cuidados, viabilizando programas de reprodução, reintrodução e manejo genético.

O Acordo de Cooperação Técnica assinado entre a Associação de Zoológicos e Aquários do Brasil (AZAB), Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio) e Ministério do Meio Ambiente (MMA), em 2018, foi implementado para estruturar um sistema de cooperação para a conservação *ex situ* de Populações de Segurança de 25 (vinte e cinco) espécies ameaçadas da fauna brasileira. Atualmente o acordo caminha para uma nova fase, ampliando ainda mais o número de espécies atendidas.

Zoológicos e Aquários associados à AZAB investem cada vez mais em programas e projetos para estruturar e ampliar a sua atuação na conservação da biodiversidade.

Veja exemplos nas matérias:

<https://agenciabrasil.ebc.com.br/meio-ambiente/noticia/2024-11/zoologico-de-sao-paulo-abre-novo-espaco-dedicado-ararinhas-azuis>

[https://rotaverde.com.br/bioparque-do-rio-inicia-projeto-inedito-no-estado-do-rio-de-janeiro-para-proteger-especie-de-ra-ameacada-e-inaugura-laboratorio/#google\\_vignette](https://rotaverde.com.br/bioparque-do-rio-inicia-projeto-inedito-no-estado-do-rio-de-janeiro-para-proteger-especie-de-ra-ameacada-e-inaugura-laboratorio/#google_vignette)

<https://www.parquedasaves.com.br/blog/parque-das-aves-estabelece-o-primeiro-cafs-do-iat-em-foz-do-iguacu/>

Sobre **o bem-estar dos animais** sob cuidados em Zoos e Aquários o artigo traz uma visão emotiva e distorcida da realidade, tratando os ambientes que abrigam animais em zoológicos e aquários como prisões sem fazer nenhuma distinção da pluralidade de situações presentes nas instituições brasileiras, focando em animais raros ou inexistentes por aqui como urso polar, orcas e cetáceos.

Na busca de embasamento para suas ideias o artigo apresenta um link para um estudo com o título: *Models of Stress in Nonhuman Primates and Their Relevance for Human Psychopathology and Endocrine Dysfunction*.

Embora o artigo trate de situações que podem gerar estresse em animais de zoológicos, também apresenta situações de vida livre que geram estresse nos animais, como relações de grupos sociais, dentre outros, deixando evidente que estes grupos de animais são complexos e seu bem-estar deve ser objeto de muito cuidado e que, evidentemente, não estão sujeitos ao estresse apenas em zoológico, mas também em ambientes naturais, especialmente diante dos diversos desafios ambientais que enfrentam, como a perda de habitat, escassez de recursos, mudanças climáticas e interferência humana.

No entanto, o que mais chama a atenção é que o estudo foi desenvolvido, em parte, com dados e informações obtidas através de primatas mantidos em centros de pesquisa e instituições zoológicas e tem como foco entender os mecanismos do estresse em primatas para aplicá-los ao estudo da psicopatologia e disfunção endócrina em humanos. Ou seja, a pesquisa claramente utiliza dados de animais em ambientes onde sua observação e manipulação controlada são possíveis para compreensão dos efeitos do estresse, com implicações diretas para o bem-estar e a psicopatologia humanas, demonstrando uma aplicação prática da pesquisa desenvolvida em zoológicos, não apenas para melhoria do bem-estar dos primatas, mas também dos seres Humanos.

Centenas de artigos científicos, teses de mestrado e doutorado, bancos genéticos, protocolos de manejo veterinário, e programas de reabilitação de fauna nascem todos os anos dentro de zoológicos e aquários e a Sea Shepherd mesmo sem reconhecer explicitamente, demonstra a importância dessas instituições para a pesquisa.

Evidentemente que o bem-estar animal deve ser buscado incansavelmente por zoológicos e aquários e a ciência tem dado contribuições fundamentais para se entender as necessidades de diferentes grupos animais e os cuidados necessários para seu bem-estar.

Neste sentido, a AZAB em parceria com a renomada ONG internacional Wild Welfare, estabeleceu um processo de certificação em bem-estar animal para seus associados. A Certificação tem como base de avaliação uma Norma criada a partir de conhecimentos atuais referente aos requisitos de bem-estar animal em zoológicos e aquários.

O processo inclui auditoria das instituições, realizada através da análise de documentação e inspeção das instalações e condições de manejo dos animais. Na Norma utilizada estão incluídos os princípios e consequentes práticas dos zoológicos e aquários modernos, incluindo:

A. Proporcionar um ambiente estimulante para os animais, baseado no conhecimento de sua biologia, comportamento e ecossistema natural, que:

- ❖ Considere apropriadamente suas habilidades cognitivas;
- ❖ Permita que se comportem e se exercitem de forma natural;
- ❖ Proteja sua saúde e segurança; e
- ❖ Ofereça estímulos físicos e sociais adequados à espécie em todos os momentos.

B. Proporcionar um ambiente adequado de apoio para os animais, funcionários e para o público.

C. Proporcionar condições para oportunidades educacionais de aprendizado sobre conservação, bem-estar animal e seus hábitos naturais.

D. As instituições devem empregar ou estar preparadas para treinar a equipe para ser adequadamente experiente no cuidado dos animais alojados na instituição.

E. O número de animais sob os cuidados da Instituição não deve exceder sua capacidade de manter um alto padrão de cuidado e bem-estar. Somente animais que possam ser adequadamente alojados e manejados ao longo de toda a vida devem ser integrados à população animal.

Por meio de seu Programa de Certificação a AZAB trabalha para criar melhores condições de manejo por seus Associados visando o bem-estar de todos os animais sob seus cuidados.

Para desacreditar o **potencial educativo** de zoológicos e aquários o artigo cita um [estudo de Jensen \(2014\)](#), que ‘*demostrou que apenas 41% das 2.839 crianças avaliadas depois de uma visita ao zoológico, mesmo contando com a atuação de um guia-educador, conseguiram qualquer aprendizado sobre biologia e conservação.*’

Ora, este número é irrelevante? Qual será o impacto do aprendizado em crianças de 7-15 anos após assistir uma palestra do Sea Shepherd? O estudo indica ainda que 34 % das

crianças, mesmo sem acompanhamento de um educador, adquiriram conhecimentos sobre biologia e conservação. O autor do artigo chega a afirmar:

*‘Assim, meus resultados apoiam (mas não confirmam) um modelo teórico no qual novos estímulos (observação de animais vivos) criam o potencial para a assimilação de novas informações sobre biologia da conservação em esquemas mentais existentes, conforme previsto por Piaget.’*

Assim, o artigo citado pelo Sea Shepherd, em última análise, corrobora para o entendimento de que uma visita a um zoológico ou aquário tem potencial para proporcionar a assimilação de novas informações sobre biologia e conservação, validando o papel educativo dessas instituições.

No entanto, mais do que conhecimentos, zoológicos e aquários proporcionam vivências, experiências emocionais, que conectam pessoas à vida selvagem. O contato visual e a observação de animais vivos em zoológicos e aquários criam uma conexão emocional que dificilmente seria alcançada por meio de livros, documentários ou palestras. Essa experiência direta pode gerar empatia pelos animais e seus habitats, incentivando a vontade de protegê-los.

Nenhuma ONG ou projeto isolado, com todo respeito, tem o poder de mobilização e impacto educativo que um zoológico ou aquário sério tem. Estamos falando de milhões de crianças e jovens que, ao visitarem essas instituições, aprendem sobre biomas, espécies ameaçadas, impactos da poluição plástica, aquecimento global e pesca predatória.

Uma visita a um zoológico ou aquário, além de proporcionar uma experiência educativa, pode contribuir significativamente para o bem-estar dos visitantes, sob a ótica da biofilia o contato com a natureza e animais tem sido associado à redução dos níveis de estresse, diminuição da pressão arterial e melhora do humor. Ambientes que incorporam elementos naturais, como os zoológicos e aquários, podem oferecer um refúgio do ritmo acelerado e do estresse da vida urbana. Pesquisas indicam que a simples visão de cenas naturais, incluindo animais, pode proporcionar maiores níveis de bem-estar psicológico.

O artigo do Sea Shepherd pretende mostrar que tudo em zoológicos e aquários é crueldade mas apresenta argumentos passionais que ignoram a complexidade dessas instituições, a qual reflete a complexidade da sociedade como um todo.

A ONG pode se orgulhar de ter fotografias espetaculares de baleias e navios em alto-mar, mas quando se trata de ações contínuas, silenciosas e eficazes de proteção de espécies ameaçadas, zoológicos e aquários são muito mais eficazes.

Com todo o respeito, a Sea Shepherd é ótima em comunicação visual, mas não tem histórico de salvar espécies da extinção, desenvolver pesquisa científica ou gerar educação em larga escala. Suas ações são mais simbólicas do que estruturais. O mundo precisa de ações simbólicas, sim mas também precisa de ações concretas e impactantes de conservação e educação. Para zoológicos e aquários cada indivíduo resgatado conta, cada novo nascimento é

celebrado com esperança de renovação da vida e cada visitante que se sensibiliza com a causa da conservação é uma vitória na direção de um mundo melhor para todos.

Vale destacar que uma das organizações de maior relevância para a conservação marinha no Brasil, o Projeto Tamar, mantém com sucesso 7 centros de visitantes, com exposição de animais marinhos para a sensibilização dos visitantes.

A Sea Shepherd Brasil parece não reconhecer a verdadeira realidade dos zoológicos e aquários no Brasil. Embora seja inegável que existam desafios que muito ainda precisam ser feitos, a realidade é que zoológicos e aquários estão se moldando junto com a sociedade e que estas instituições são cada vez mais importantes para a conservação ambiental.

A Sea Shepherd Brasil deveria voltar seus esforços para atuar de maneira mais eficaz contra problemas ambientais reais e perceber que zoológicos e aquários não são inimigos, mas sim aliados nesta causa.

Por isso, ao contrário do apelo da Sea Shepherd, argumentamos que as pessoas não só devam visitar zoológicos e aquários, mas também apoiá-los em sua missão de cuidado com os animais e de conservação para conservação.